



CARTÃO POSTAL: POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

Maria Aparecida Lucca Paranhos - IFF

Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso - IESA

Resumo: Orientações curriculares nacionais apontam para a importância do ensino contextualizado, em que as atividades linguísticas estejam voltadas ao uso visando à análise, interpretação e produção de textos que circulam na sociedade. Importa, também, romper com o ensino fragmentado e distante das práticas sociais. Nessa perspectiva, apresenta-se o gênero discursivo Cartão Postal. Busca-se entender o que o constitui como um gênero. Considera-se o estudo da língua uma forma de instrumentalizar o aluno para suas interações sociais. O gênero em questão constitui-se como recurso pedagógico provocador para o estudo do local, ao contextualizar e significar situações de aprendizagem interdisciplinares.

Palavras-chave: gênero discursivo, linguagem e interação social, estudo do local, interdisciplinaridade.

Introdução

As dinâmicas sociais organizam-se e se efetivam através de práticas discursivas que se dão através dos gêneros textuais que circulam na sociedade. No entanto, a análise e produção dos gêneros discursivos ainda não é uma prática recorrente nas ações pedagógicas (NEVES, 2004; ANTUNES, 2009), não obstante a facilidade de acesso a essas formas de comunicação e a relevância que recebem em pesquisas acadêmicas. Além disso, é discussão constante nos documentos que devem balizar as práticas pedagógicas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Matrizes de Referência do SAEB.

Nessa sociedade de busca e troca de informação, de produção e consumo de bens culturais e materiais, a linguagem se inscreve como sistema mediador de todos os discursos (MEURER & MOTTA-ROTH, 2002; MARCUSCHI, 2008). Em função dessa possibilidade de mediar as ações sobre o mundo, de levar os outros a agir, de construir mundos possíveis, aumenta a necessidade e a relevância de práticas educacionais interdisciplinares que considerem o uso de diferentes gêneros textuais que privilegiem o letramento como forma de inserção e atuação social.

Convém pontuar que se considera que ler e escrever são competências a serem desenvolvidas em todas as áreas do conhecimento. Essa ideia precisa ser difundida, pois,

“Embora ler seja a base de quase todas as atividades que se realizam na escola, e a concepção de leitura como ato compreensivo seja aceita por todos, a maioria das pesquisas sobre as atividades de leitura na escola demonstram que nela não se ensina a entender os textos” (COLOMER & CAMPS, 2002, p. 70).

Outro aspecto que interessa a essa discussão refere-se à concepção de linguagem e de língua. Defende-se uma prática que considere a linguagem como discurso e uma ação sobre a língua que possibilite o desenvolvimento de habilidades e competências que favoreçam as interações sociais.

A partir dessas premissas, apresenta-se o estudo do gênero Cartão Postal. O interesse por este gênero surgiu no exercício da docência da FTM da Língua Portuguesa e FTM do Ensino da História, ao diagnosticar que a maioria das acadêmicas de Pedagogia nunca havia recebido ou enviado um Cartão postal. Essa questão interessou, então, às docentes buscando aproximação ao gênero, apropriação e consequente estudo.

Além disso, pesou o fato de se estar em uma região em que o turismo assume importante parcela na renda dos municípios. Acredita-se que, ao possibilitar aos acadêmicos apropriarem-se do gênero e conhecer sua função comunicativa, abrem-se possibilidades para que o potencializem não somente como forma de interação, mas também de subjetivação. Isso porque os cartões postais comunicam sobre o lugar, possibilitam que o emissor apresente sua apreciação, suas impressões e sensações, manifestando assim sua maneira de ver e conceber o espaço.

Ao estudar sobre o lugar ou sobre o local, os alunos têm a oportunidade de fazer um recuo no tempo sobre o espaço do seu município, estudando, então, o que Callai aponta como “uma sociedade relativamente complexa” (1988, p. 12). Esse estudo deverá estar diretamente ligado à sua vida. O aluno precisa ver significado no que está aprendendo. Ao ter suas vivências respeitadas e reconhecidas pode lançar-se a análises mais complexas da realidade global.

A abordagem utilizada parte da noção de que o discurso tem um “poder constitutivo tríplice”: produz e reproduz conhecimentos e crenças por meio de diferentes modos de representar a realidade, estabelece relações sociais e cria, reforça ou constitui identidades. Apoiar-se, portanto, na Análise Crítica do Discurso, em que, dentre outras características, “o uso da linguagem relaciona-se estreitamente com fenômenos sociais, pois as pessoas falam,

escrevem, ouvem e leem de maneira socialmente determinada, como membros de determinadas categorias sociais, grupos específicos, profissões, organizações, comunidades, sociedades e culturas” (VAN DIJK, 1998; FAIRCLOUGH, 1989; KRESS, 1989 *apud* MEURER, 1999, p.19).

O texto organiza-se em dois momentos. Inicialmente, discute-se o gênero e sua constituição discursiva; a seguir, aborda-se o Cartão Postal como provocador no desenvolvimento de estudos sobre o local. Para a análise discursiva, pontua-se, inicialmente, a concepção de gênero ancorada em Bakhtin (1992), Meurer e Motta-Roth (2002), Marcuschi (2008); a seguir, a análise do contexto de situação, apresentado por Halliday e Hasan (1999), bem como apresenta-se a análise do gênero com base em Maingueneau (2002). Para a discussão sobre a ampliação do repertório cultural e o estudo sobre o local, embasa-se em Azambuja (1991), Bittencourt (2004), Callai (2000), Callai e Zarth (1988).

1 GÊNEROS DISCURSIVOS E INTERAÇÃO SOCIAL

A vida social contemporânea exige que sejam desenvolvidas “habilidades comunicativas que possibilitem a interação participativa e crítica no mundo de forma a interferir de maneira positiva na dinâmica social” (MEURER & MOTTA-ROTH, 2002). Essas habilidades são exercitadas nas mais diferentes formas, desde uma solicitação formal a um banco, quando se escreve uma carta do leitor ao jornal comentando alguma notícia, denunciando algum serviço público ou mesmo quando se redige um bilhete a um familiar.

Em todos esses contextos de situação e de cultura há atividades que são exercidas na e pela linguagem, há papéis desempenhados pelo emissor e pelo receptor, há pressuposições compartilhadas pelo emissor e seu(s) interlocutor(es). Esses três aspectos são definidores do contexto em que se dá a atividade humana mediada pela linguagem.

Halliday & Hasan (1989, p.7) consideram que texto e contexto são aspectos do mesmo processo. Há o texto e há outro texto que o acompanha, que vai além do que está sendo dito e escrito. O contexto é o pano de fundo no qual o texto acontece. Está *com o texto*, serve de *ponte entre o texto e a situação na qual o texto acontece*. Dessa forma, o contexto precede o discurso; a situação é anterior ao discurso que a relata.

A teoria de Halliday e Hasan tem como característica o foco no social, ou seja, como as funções sociais determinam a linguagem e como ela se desenvolveu; uma perspectiva

sociossemiótica. O contexto tem papel relevante para se interpretar os significados que o usuário quis atribuir ao texto que produziu. Os objetos de análise da gramática sistêmico-funcional proposta por Halliday e Hasan serão o texto, suas condições de produção, os participantes desse contexto e a maneira como os participantes organizam o texto para a comunicação.

Segundo Vian Jr. (2001, p.150), considerando o papel do contexto, bem como os significados que o usuário queira atribuir à sentença, “a mensagem deixa de ser correta ou incorreta, passando a ser apropriada a um determinado contexto e servindo a um propósito comunicativo”, e seu objeto de análise serão resultados autênticos das interações sociais. A linguagem serve como mediadora da ação das pessoas sobre o mundo; daí a importância das práticas educacionais que se propõem a explorar diferentes gêneros textuais na busca de um letramento adequado às exigências do contexto atual.

Para fazer uma análise contextual, Halliday e Hasan (1989, p.12) propõem que se parta da interpretação do contexto de situação, considerando três tópicos: *o campo, a relação e o modo do discurso*. O campo do discurso se refere ao que está acontecendo, o assunto do texto em questão, os atos executados e seus objetivos; a relação, a quem está tomando parte do discurso, seu status e papéis, aos tipos de atos de fala que estão sendo usados e ao conjunto das relações que as pessoas estabelecem.

O modo do discurso considera qual parte da linguagem está operando, a organização do texto, o papel que tem e sua função no contexto, inclusive o canal (escrito ou falado) e a modalidade retórica que está sendo ativada (persuasiva, expositiva etc.).

Segundo Halliday & Hasan (1989), esses conceitos “servem para interpretar o contexto social do texto, o ambiente no qual os significados estão sendo permutados”. A consideração desses três aspectos – o que se fala, quem fala e como se fala - possibilita ao enunciador ser mais ou menos hábil na apropriação e expansão de gêneros discursivos disponíveis na sociedade moderna. Os tópicos *campo, relação e modo* contribuem para descrever o contexto de situação no gênero Cartão Postal: enunciador apresenta para familiar ou amigo suas impressões sobre o lugar que visita através de suporte escrito.

Meurer e Motta-Roth afirmam que esses três aspectos básicos são definidores do contexto, ao mesmo tempo em que dependem do contexto em que uma atividade de comunicação desenvolve mediada pela linguagem. Esse conhecimento possibilita ao

enunciador ser mais ou menos articulado no uso da linguagem para alcançar determinados objetivos, apropriar-se e expandir o repertório de gêneros discursivos disponíveis na cultura em que está inserido. De acordo com os autores, “ao servir de materialidade textual a uma determinada interação humana recorrente em um dado tempo e espaço, a linguagem se constitui como gênero” (MEURER & MOTTA-ROTH, 1999, p.11).

Marcuschi (2008, p.150) explica que “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”. Esse é um aspecto bastante interessante uma vez que todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá, basicamente, pela sua função e não pela sua forma.

Além disso, Marcuschi pontua que o estudo dos gêneros discursivos consiste em uma fértil área interdisciplinar, já que a linguagem está em funcionamento em atividades culturais e sociais. Defende que não sejam concebidos como “modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social, corporificadas na linguagem” (2008, p.151). Os gêneros são “entidades dinâmicas, cujos limites e demarcação se tornam fluidos”. É nessa perspectiva que se propõe a análise do gênero Cartão Postal em sala de aula, possibilitando o entrelaçamento com outras áreas do conhecimento além da linguagem, neste caso, a área dos Conhecimentos Sociais.

Meurer (2000, p.149) propõe que a aprendizagem da linguagem humana seja pensada em função do desenvolvimento da competência no uso de um número crescente de gêneros textuais, caracterizados por funções específicas e organização retórica mais ou menos típica. O autor faz distinção entre gênero textual e modalidade retórica. Enquanto a primeira noção é usada para referir-se a tipos específicos de textos (receita, rótulo...), a segunda constitui-se de estratégias usadas para organizar a linguagem desses textos (processos descritivos, narrativos, expositivos, argumentativos, injuntivos).

A partir de Bakhtin, gênero é pensado como um evento de comunicação que adquire forma mais ou menos estável, servindo a um propósito comunicativo. Para o autor, o ser humano, em quaisquer de suas atividades, vai servir-se da língua e, a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados linguísticos se realizarão de maneiras diversas. A estas diferentes formas de incidência dos enunciados, o

autor denomina gêneros do discurso, já que “...cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 277).

Para Bakhtin, é infinita a variedade de gêneros do discurso, visto que cada dimensão da atividade humana compreende um número de gêneros que se amplia à medida que as atividades se desenvolvem. A heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) abrange o diálogo cotidiano, a carta, a ordem militar padronizada, os documentos oficiais, as declarações públicas e também as diversas maneiras de exposição científica e todas as formas literárias.

Conforme Maingueneau (2001), poder-se-ia caracterizar uma sociedade pelos gêneros de discurso que ela torna possível e que a tornam possível. Ou seja, os gêneros que circulam numa determinada sociedade refletem o que ela “permite” que seja divulgado e, ao mesmo tempo, dão conta de manter os valores, crenças e preceitos dessa sociedade.

Meurer (1997), ao discutir os conceitos de discurso e texto, lembra que a sociedade se estrutura em ambientes institucionalmente organizados, que as instituições se identificam por práticas e valores específicos expressos através da linguagem. Assim, o discurso é o conjunto de afirmações que expressam valores e significados das diferentes instituições; o texto é a própria realização linguística em que o discurso se concretiza. O texto é a entidade física, a produção linguística de um ou mais indivíduos; o discurso é o conjunto de princípios, valores e significados implícitos no texto.

Estudam-se gêneros para que se possa compreender com mais clareza o que acontece quando os sujeitos usam a linguagem para interagir nos grupos sociais nos quais estão inseridos, uma vez que as ações sociais se dão por meio de processos estáveis de ler/escrever e falar/ouvir, incorporando formas estáveis de enunciados (MEURER, 1998, p.12). A partir desses pressupostos, pontuam-se subsídios para auxiliar professores no desafio de criar propostas pedagógicas que favoreçam a compreensão e a apropriação do gênero cartão-postal. Busca-se, explicitar que identidades, ações sociais e linguísticas entram em cena, são construídas e perpetuadas através dessa manifestação.

1.1 A concepção do gênero Cartão Postal

Os gêneros de discurso não podem apenas ser considerados como formas que estão à disposição dos sujeitos a fim de que estes ajustem seu enunciado nessas formas. São

atividades sociais e, para que produzam o efeito desejado, são submetidas a um conjunto de condições de êxito.

Para a discussão dessas condições que envolvem elementos de ordens diversas, buscou-se respaldo em Maingueneau (2001). O autor aponta os seguintes elementos: uma finalidade reconhecida, o estatuto de parceiros legítimos, o lugar e o momento legítimos, um suporte material e, finalmente, uma organização textual.

Segundo o autor, todo o gênero de discurso tem uma *finalidade reconhecida*, visa a um certo tipo de modificação direta ou indireta na situação em que toma parte. Assim, redigir um Cartão Postal objetiva, ao mesmo tempo em que dá notícias da viagem, revelar as impressões do enunciador sobre o lugar que visita.

Outro elemento é o *estatuto de parceiros legítimos*, ou seja, o papel que deve assumir o enunciador e co-enunciador, de quem parte e a quem se dirige o enunciado. Na cena do Cartão Postal, evidenciam-se as relações, as notícias fazem sentido, os vazios serão preenchidos pelas informações compartilhadas entre parentes e amigos que participam do evento comunicativo. A cada uma dessas relações competem saberes que estabelecem o papel que cada um dos parceiros deverá assumir nos diferentes gêneros.

O terceiro elemento destacado por Maingueneau é o *lugar e o momento legítimos*. Não se trata de coerções externas, mas de uma característica constitutiva do gênero. Um Cartão Postal exercerá sua função comunicativa quando alguém sentir necessidade de compartilhar com outras pessoas sua experiência de estar em um lugar interessante, histórico, famoso ou não, mas que tenha significado para si.

O autor classifica também o gênero quanto à *temporalidade*, destacando uma periodicidade que estabelece o intervalo de tempo de um determinado gênero; uma duração de encadeamento, que é a duração de realização de um gênero já que certos gêneros implicam a possibilidade de várias durações. Um artigo acadêmico, por exemplo, distingue, pelo menos, duas durações de leitura: a leitura do título e do resumo, seguida, eventualmente, de uma verdadeira leitura de todo o trabalho, caso interesse o leitor. Com o Cartão Postal, têm-se duas durações: a da linguagem não-verbal e, no verso, da linguagem verbal.

O autor acrescenta que um gênero deve apresentar um *suporte material*, pois uma modificação neste altera radicalmente um gênero de discurso. O modo de transporte e de

recepção de um enunciado condiciona a própria constituição de um texto, modela o gênero de discurso. O simples deslocamento do modo de manifestação material dos discursos, do seu suporte, bem como do seu modo de difusão, implica muitas alterações no gênero de discurso. Assim se constitui o cartão postal: na frente, a linguagem não verbal, com imagem de espaços - monumento, paisagem - que identifique determinado lugar, potencializando suas qualidades. No verso, a indicação do lugar, do fotógrafo e gráfica em letras pequenas; o espaço para o texto e indicação para endereço do destinatário.

Maingueneau salienta outro elemento que interfere nas condições de êxito, o fato de que todo o gênero de discurso tem uma *organização textual*. Alguns gêneros como a dissertação escolar, são ensinados, mas a maioria é aprendida com o contato direto e informal que as pessoas estabelecem no seu cotidiano e seguem regras mais ou menos rígidas na sua estruturação. Com o gênero em questão, defende-se a importância de a escola constituir-se nesse espaço de apropriação, uma vez que, os alunos, em virtude das facilidades de acesso aos meios midiáticos, cada vez menos têm contato com os meios tradicionais de comunicação como carta e Cartão Postal. Pode-se, pois, significar essas práticas nos contextos escolares.

Finalmente, Maingueneau recorre a metáforas que evidenciam aspectos importantes na caracterização dos gêneros do discurso: o *contrato*, termo da área do Direito, o *jogo*, que se liga ao lúdico e *papel* do domínio do teatro. A primeira metáfora (gênero do discurso é contrato) ilustra a propriedade do gênero de ser fundamentalmente cooperativo e regido por normas que devem ser cumpridas pelos participantes. Ao construir a segunda metáfora (gênero do discurso é papel) ele enfatiza o fato de que cada gênero de discurso envolve os participantes sob a ótica de uma condição determinada. E, por último, ao associar o gênero a um jogo, o autor reforça as ideias construídas nas metáforas *contrato* e *papel*, pois, como num jogo, um gênero implica determinadas regras pré-estabelecidas e conhecidas por todos os participantes.

No Cartão Postal, estudado como gênero discursivo, desempenhando uma função comunicativa, tem-se um contrato cooperativo, quem escreve sabe as regras a que deve obedecer, tanto ao dar notícias quanto no preenchimento correto do endereço, a fim de que chegue ao destinatário. Os participantes desempenham papéis, de esposo, pai, filho, namorado... e participam de um jogo, pois compartilham os comportamentos esperados de cada um.

Coracini (1999) defende a ideia de escrita como colaboradora na construção de identidades. No gênero Cartão Postal revelam-se sujeitos. Essa subjetividade se manifesta tanto da parte do fotógrafo que seleciona o ângulo, a luminosidade, o detalhe que quer enfatizar ou obscurecer, quanto da parte da pessoa que envia o cartão revelando suas impressões sobre o local. Cada um tem seu discurso com implicações ideológicas, trazendo em si maneiras de conceber a realidade que se reflete nos textos através dos quais as pessoas se comunicam e interagem na sociedade.

Acredita-se que uma prática pedagógica que considere o estudo dos gêneros textuais que circulam na sociedade e que se prestam às relações sociais possa oportunizar ao aluno investigar, comparar, questionar e compreender os recursos implicados no seu uso. E, de acordo com Meurer (2002, p.158), “estabelecendo tais relações, o sujeito estará mais apto ao exercício da cidadania, a estabelecer relações inteligentes, produtivas e vantajosas entre textos e seus contextos de uso”.

Vale a pena pontuar que, ao longo da prática docente em turmas de Pedagogia, a tendência das acadêmicas, ao propor a atividade de escrita é torná-la artificial, deslocá-la do contexto social. Essa atitude priva os alunos da produção do sentido, como coloca Coracini (1999). De acordo com a autora, “se a vocação primeira da escola é a de ser uma instituição promotora de sentido pela escrita, na realidade, ela não o é, funcionando apenas imaginariamente como se fosse transmissora desse conhecimento” (p.76).

Ao desenvolver uma prática pedagógica a partir do Cartão Postal busca-se que os alunos conheçam o gênero e se apropriem efetivamente dele. Importa, pois que não só estudem o gênero, sua função comunicativa e seu papel social, mas que, efetivamente, façam uso deste gênero nas suas interações. A escola deve, então, possibilitar ao aluno essa prática comunicativa.

Além dessa abordagem comunicativa, propõe-se a discussão deste gênero como elemento provocador para o estudo do local, bem como da ampliação do repertório cultural dos alunos, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao estudar sobre o lugar ou sobre o local, os alunos têm a oportunidade de fazer um recuo no tempo sobre o espaço do seu município, estudando, então, o que Callai aponta como “uma sociedade relativamente complexa” (1988, p. 12). Esse estudo deverá estar diretamente ligado à sua vida. O aluno

precisa ver significado no que está aprendendo. Ao ter suas vivências respeitadas e reconhecidas pode lançar-se a análises mais complexas da realidade global.

2 O GÊNERO CARTÃO POSTAL E O ESTUDO DO LOCAL

O estudo sobre o local tem sido objeto de discussão e análises de historiadores e geógrafos preocupados principalmente com questões relativas ao ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa preocupação decorre do trabalho desenvolvido nessa etapa do ensino caracterizada pelo amontoado de informações que devem ser decoradas e repetidas pelos alunos (CALLAI, 2002; CASTROGIOVANNI, 2000).

As enfadonhas datas comemorativas e dados da geografia física têm dado espaço para propostas pedagógicas que buscam um ensino com elementos contextualizados e significativos. Para Callai, os Estudos Sociais são vistos como “um conjunto de informações, na maioria das vezes, desarticulado e que não atende a uma sequência que permita a compreensão daquilo que se quer ensinar” (2002, p. 15).

Para romper com esse ensino descontextualizado, é imprescindível considerar o meio em que o aluno vive, pois a realidade vivenciada por ele, além de estar mais próxima, é, com certeza, mais significativa. Conforme Azambuja, “a realidade local, o ‘meio’ é, num primeiro plano, a representação do concreto nas suas formas aparentes” (1991, p. 55).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “o lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico” (BRASIL, 1997, p. 112). É nele que o aluno vive e convive e, portanto, tem o que dizer sobre esse local.

Os alunos têm acesso a informações nos diferentes meios de comunicação. A escola, então, não pode competir com esses meios sendo um espaço em que as informações são simplesmente repassadas. Além disso, eles estabelecem muitas vezes relações entre o que acontece no mundo com o que vivenciam nesse espaço local.

Nesse sentido, é importante considerar que a relação entre o global e o local, pois aproximam o aluno de uma leitura mais complexa da sociedade. Ao conhecerem o local, conseguem articulá-lo ao espaço global, compreendendo a interrelação estabelecida entre eles.

Callai e Zarth pontuam que lugar “é uma escala de análise que permite que tenhamos próximos de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas de nosso mundo” (1988, p. 11). Ao entender o local, pode-se, seguramente, compreender o mundo em que se vive. É nesse lugar que as pessoas estabelecem suas relações mais íntimas e significativas. Nele estão vínculos afetivos, onde sentimentos se fazem presente de forma expressiva.

Sentir-se pertencente, pressupõe a construção de uma identidade intimamente relacionada a esse lugar. Ser missioneiro significa muito mais do que ter nascido nas Missões. É reconhecer-se como alguém que participa da construção dessa história. Vive-se um momento de resgate dessa trajetória histórica. Mas esse processo é lento e exige investimento – não do ponto de vista financeiro – por parte principalmente de educadores que devem primeiramente conhecer e querer ensinar sobre essa história.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História apresentam como objetivos para o ensino de história no Ensino Fundamental, dentre outros, que ao concluírem essa etapa os alunos devem “organizar repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo” [...] e “valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos” [...] (Brasil, 1997, p. 41).

Para que os alunos construam competências e habilidades a fim de que, efetivamente, deem conta de atender aos objetivos apontados, é necessário que os professores reflitam sobre o trabalho que desenvolvem nas salas de aulas. É importante se questionar sobre que história ensinam, por que ensinam e como ensinam.

É comum encontrar alunos que não lembram do que estudaram nos anos anteriores, ou mesmo, que repetem um amontoado de informações sem sentido e descontextualizadas. Ainda há aqueles que conhecem aspectos da história do mundo ou do Brasil, mas não têm noção alguma do processo histórico que viveu a sua região.

Nesse sentido é que se apresenta o Cartão Postal como possibilidade de provocar um olhar atento e de certa forma curioso sobre um lugar, um espaço pelo qual os alunos muitas vezes circulam, mas não o observam, não o enxergam. Além do que, possibilita a valorização do patrimônio histórico cultural missioneiro e seu inserimento nesse contexto, enquanto cidadão.

Na região da Missões, vive-se num espaço privilegiado do ponto de vista turístico e histórico. Pensando nisso é que se buscou a articulação entre as áreas da linguagem e dos conhecimentos sociais, principalmente da História e da Geografia. Por meio da exploração do gênero, pensou-se na possibilidade de desenvolver um trabalho interdisciplinar que instigasse professores e alunos para o estudo do local.

Costuma-se ensinar sobre a história local, utilizando como fonte textos elaborados por pesquisadores que produzem uma narrativa sobre os acontecimentos. A possibilidade dos alunos serem apresentados a diferentes gêneros, diferentes narrativas e diferentes fontes favorece não só a apropriação do gênero, mas também da história pela multiplicidade de olhares.

Bittencourt (2004) apresenta aspectos metodológicos que devem ser considerados no ensino de história ao fazer uso de diferentes procedimentos e fontes. Neste texto, a discussão se dá de forma específica sobre o uso da imagem, tendo em vista que esse estudo versa sobre o gênero textual Cartão Postal e suas possibilidades de exploração interdisciplinares.

O Gênero Cartão Postal constitui-se de duas partes, como já pontudado. Na parte da frente está registrada uma fotografia que representa o real. A fotografia utilizada desde o século XIX tinha como objetivo quase único o registro de imagens de pessoas ou momentos considerados importantes. Bittencourt afirma que seu uso “disseminou-se no século XX, servindo como documento de identidade das pessoas, como prova para processos e investigações policiais e judiciais e como registro dos mais diversos acontecimentos” [...] (2004, p. 365).

No entanto, os pesquisadores se apropriaram das imagens em suas pesquisas com maior rapidez do que os professores nas suas aulas. Bittencourt aponta alguns problemas ao se optar por explorar as fotografias como recurso metodológico. O primeiro estaria relacionado à visão de que a fotografia retrataria o que aconteceu realmente, a verdade. É a primeira análise a ser realizada com os alunos, pois “é preciso entender que *a fotografia é uma representação do real*¹” (2004, p. 366) e não o real.

Outro problema, de acordo com a autora, estaria relacionado à forma como as pessoas se relacionam com o espaço retratado. A observação fica comprometida em função da

¹ Grifo do autor

“visualização corriqueira das imagens na sociedade contemporânea e o uso de fotografias na vida cotidiana” (2004, p. 366).

A preocupação ainda se dá com relação à seleção dos espaços a serem fotografados, os ângulos, o que mostrar e o que ocultar. Meurer (2002) considera que todo discurso é ideológico, trazendo em si determinados modos de ver e lidar com a realidade. Constitui-se a manifestação de uma certa hegemonia; isto é, exercício de poder de uns sobre outros. Sendo assim, o discurso organiza o texto, inclusive determina como ele poderá ser, suas características, organização, o assunto que deverá envolver.

Quem tira a fotografia normalmente faz essas escolhas, o que não ocorre por acaso. Não existe neutralidade, mesmo que o fotógrafo afirme-se imparcial. As concepções desse sujeito que é único, está presente quando faz a seleção do que será retratado, “a escolha do espaço, das pessoas em determinadas posturas, a luminosidade, o destaque a determinados ângulos das pessoas ou objetos ficam a critério do fotógrafo” (BITTENCOURT, 2004, p. 367).

A autora discute ainda sobre os Cartões Postais. Neles há intenções implícitas como no caso da venda de determinada imagem a turistas. Normalmente, apresenta-se o lugar somente com personagens que não “atrapalhem” a imagem a ser comercializada. Pessoas ou situações inconvenientes do ponto de vista turístico provavelmente não se fazem presente. O professor precisa considerar esses aspectos ao propor uma prática pedagógica para não incorrer na leitura superficial ou até mesmo equivocada de determinada imagem e local.

No ensino da história, as imagens e, principalmente, a fotografia normalmente não são utilizadas. Para trabalhar com imagens, Bittencourt considera importante que o professor faça pelo menos duas perguntas que são imprescindíveis ao fazer uso desse recurso didático: “1. Como selecionar as imagens fotográficas para um trabalho em sala de aula? 2. Como realizar a ‘leitura’ de fotografias com os alunos?” (2004, p. 368).

Ao escolher das imagens, o professor deve buscar aquelas que provoquem os alunos, selecionando poucas, mas significativas fotografias. O docente deve ter clareza sobre os objetivos que pretende alcançar ao selecioná-las. Se os alunos participam desse processo, providenciando imagens, devem planejar com o professor e entender sobre o tipo de imagens a serem buscadas (CALLAI e ZARTH, 1988).

Ao fazer uso da imagem nos anos iniciais do ensino fundamental, os professores

favorecem a introdução dos alunos no método de análise de ‘documentos históricos’ e, em se tratando da fase inicial da alfabetização contribuem para que identifiquem ano, nome de lugares e de pessoas ou grupos sociais, além de favorecerem a compreensão do *antes* e *depois* e a interiorização do conceito de *geração* (BITTENCOURT, 2004, p. 369).

Nos anos iniciais, os alunos precisam compreender como ocorrem as transformações e permanências com relação aos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da localidade em que estão inseridos.

Ler imagens sobre esse local pode ser um recurso extremamente provocador, se bem planejado. Ao utilizar imagens de Cartões Postais, o aluno poderá apresentar suas impressões e hipóteses ao que elas remetem. Compreender o porquê da produção de determinado cartão-postal sobre um local e não sobre outros é uma escolha que deve ser pontuada e questionada por professores e alunos.

Não se pensa em produzir um Cartão Postal de um dos pontos turísticos mais visitados num município retratando moradores de rua, *gangs* em confronto, consumidores de drogas, mendigos... Acredita-se que essas questões devam ser discutidas em sala de aula.

Para Callai e Zarth, “é necessário discutir/entender que formas aparecem nessas representações e na realidade não aparecem por acaso; elas representam certas circunstâncias, certas características que se sobrepõem às demais e por isso ‘aparecem’” (1988, p. 40). Nessa perspectiva, o Cartão Postal é um recurso que pode ser utilizado para que os alunos aprendam a realizar análises mais complexas, relacionando o espaço representado na imagem com diferentes espaços do mundo. Assim, terão possibilidade de ampliação de sua visão de mundo e conseqüentemente seu repertório histórico-cultural.

Ao apresentar aos alunos a cultura de seu povo e relacioná-la com a de outros povos, propicia-se um olhar menos etnocêntrico. Rompe-se, pois, isso com a ideia de inferioridade e superioridade de um povo sobre outro. Conhecer aspectos que dizem respeito à constituição da cultura local dá subsídios para conhecer e aprender a respeitar outras culturas (SANTOS, 2005).

O professor, primeiramente, precisa conhecer e reconhecer a história do local provocando os alunos para que ocorra um processo efetivo de construção do conhecimento. Por isso, propõe-se um trabalho interdisciplinar a partir do gênero discursivo Cartão Postal

com o intuito de proporcionar estudos mais complexos ou entendidos como estudos em profundidade. Ir além do que se vê simplesmente. Ler o que a imagem por si só não fala.

Compreende-se, pois, que uma proposta pedagógica a partir de gêneros discursivos, como o Cartão Postal, possibilita que se considere a língua como um espaço de interação social e um campo favorável ao estudo do local. O uso de imagens pode ser um recurso pedagógico provocador do conhecimento sobre a história do local sob múltiplos olhares.

CONCLUSÃO

A abordagem apresentada neste artigo, embora careça ser estendida a outras áreas do conhecimento, evidencia a importância da pesquisa e do ensino da linguagem baseados em estudos sobre gêneros, já que as pessoas não se comunicam através de modalidades retóricas, mas através de gêneros textuais específicos. Essa constatação leva a reafirmar que a própria cultura de uma região ou país é caracterizada pelo conjunto de gêneros a que os cidadãos estão expostos, como produtores e consumidores.

Ao trazer o entrelaçamento das áreas do conhecimento da linguagem e dos conhecimentos sociais (História e Geografia), por meio do gênero Cartão Postal, provoca-se os alunos a conhecer e reconhecer a produção histórica deste espaço. Olhar atentamente para a história desse lugar e reconhecer-se como sujeito ativo nessa construção, possibilita a valorização das vivências cotidianas do aluno e favorece seu inserimento num contexto formal de aprendizagem. Torna-as, assim contextualizadas e significativas.

Acredita-se que, ao se apropriarem do discurso praticado nesse contexto comunicativo, as acadêmicas de Pedagogia podem promover situações de aprendizagens interdisciplinares que se relacionem com as necessidades e interesses dos alunos, ampliando o universo dos gêneros discursivos a que têm acesso, bem como seu repertório histórico-cultural. Atende-se, assim, às orientações curriculares nacionais estabelecendo relações entre o conhecimento do cotidiano, o conhecimento científico e o conhecimento escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

- ARAÚJO, Ulisses Ferreira. **Temas Transversais e a Estratégia de Projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.
- AZAMBUJA, Leonardo. Perspectivas do ‘estudo do meio’ nos anos iniciais do 1º grau. *In*: CALLAI, Helena Copetti. (Org.). **O Ensino em Estudos Sociais**. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1991.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo Afonso. **O Estudo do Município e o Ensino de História e Geografia**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1988.
- CALLAI, Helena Copetti (Org.). **O Ensino em Estudos Sociais**. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 2002.
- CASTROGIOVANNI, Antonio (org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CORACINI, Maria José R. Farias. A produção Textual em Sala de Aula e a Identidade do Autor. *In* LEFFA, Vilson J. & PEREIRA, Aracy (Orgs.) **O ensino da Leitura e Produção Textual**. Pelotas: Educat, 1999.
- HALLIDAY, Michael; HASAN, R. **Language, context and text: a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford, University Press, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). **Gêneros Textuais**. Bauru, SP: EDUSP, 2002.
- MEURER, José Luiz. Uma Dimensão Crítica do Estudo dos Gêneros Textuais *In* MEURER, José Luiz ; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). **Gêneros Textuais**. Bauru, SP: EDUSP, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Rafael José dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

VIAN JR., Orlando. Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a linguística sistêmico-funcional. *In*: BRAIT, Beth (Org.) **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes, 2001.